

EURICO GOMES DIAS

OLHARES SOBRE *O MERCURIO PORTUGVEZ*

[1663-1667]

TRANSCRIÇÃO E COMENTÁRIOS

I



OLHARES SOBRE
O *MERCVRIO PORTVGVEZ*
[1663-1667]

TRANSCRIÇÃO E COMENTÁRIOS

I

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.

Av. António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt
livraria.camos@incm.com.br

© *Eurico Gomes Dias*
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Olhares sobre o Mercurio Portuguez [1663-1667].

Transcrição e Comentários

Volume I

Autor: Eurico Gomes Dias

Concepção gráfica: UED — Unidade Editorial

Capa: em cima: D. Afonso VI, por António José Quinto, gravura de buril sobre aço, preto-e-branco, Imprensa Régia, Lisboa, 1806;

em baixo, à esquerda: D. Luís de Vasconcelos e Sousa, 3.º conde de Castelo Melhor, gravura baseada em pintura desaparecida [s. n.] [s. l.], ca. 1960? (BNL);

em baixo, à direita: Doutor António de Sousa de Macedo, por J. Grillaud, gravura a preto-e-branco, buril, Lisboa, 1711 (BNL)

Contracapa: frontispício de *Mercurio Portuguez*, Officina de Henrique Valente de Oliveira, Lisboa, Janeiro 1664.

Revisão do texto: Autor

Tiragem: 500 exemplares

1.ª edição: Junho de 2010

ISBN: 978-972-27-1865-3

Depósito legal: 312 869/10

Edição n.º 1017467

EURICO GOMES DIAS

OLHARES SOBRE
O MERCVRIO PORTVGVEZ
[1663-1667]

TRANSCRIÇÃO E COMENTÁRIOS

I

CEPESE — CENTRO DE ESTUDOS DA POPULAÇÃO, ECONOMIA E SOCIEDADE
IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2010

«A Historia é o thesouro da vida humana.
Imaginae em que horrorosas trévas e em que lamaçal de
ignorancia bestial e pestifera estariamos mettidos,
se as recordações de tudo o que se fez ou aconteceu
antes de nós nascermos, estivessem inteiramente abolidas e extinctas.»

PIERRE AMYOT, «A Historia», in *O Panorama*, 1.^a série, vol. II,
Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis,
Lisboa, 12 de Maio de 1838, ft. 54, p. 160.

Agradecimentos

Devo o primeiro e mais importante agradecimento, assim como especiais palavras de apreço e amizade pelo apoio imprescindível, ao Prof. Doutor Armando Luís de Carvalho Homem e à Prof.^a Doutora Isabel Ferreira da Mota, meus orientadores de doutoramento e de pós-doutoramento. Desde a primeira hora apoiaram os meus projectos e ideias e às suas pessoas se deve o impulso e o estímulo necessário para a feitura desta obra.

Aos meus convidados para colaborar directamente com esta iniciativa, deixo um especial agradecimento e elevado louvor ao General Gabriel Espírito Santo e ao Prof. Doutor Carlos Ziller Camenietzki pelas reflexões que abrilhantam este trabalho de investigação, bem como ao Prof. Doutor Estêvão de Moura, Presidente de Direcção da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, sem esquecer o inestimável contributo do Dr. Duarte Azinheira e de António Félix. Pelos apoios à edição, destaco o CEPESE — Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, na pessoa do seu Presidente, o Prof. Doutor Fernando de Sousa.

Agradeço também, com elevada estima e atenção, ao Major-General Vítor Viana, Coronel Alberto Ribeiro Soares, Coronel Vítor Marçal Lourenço, Coronel João Vieira Borges, Coronel José Madaleno Geraldo, assim como a outras individualidades do Centro de Investigação da Academia Militar, a quem devo a oportunidade de iniciar-me na investigação histórica. Sem o seu prestimoso auxílio, amizade e incentivo, não seria possível a prossecução deste trabalho académico, bem como outros projectos de estudo.

Deixo um especial cumprimento a todos os meus colegas em todos os Cursos, mas, sobretudo, à excelência da camaradagem do Curso de Defesa Nacional 2009-2010, pelo Instituto da Defesa Nacional.

Aos meus colegas e alunos do Instituto Politécnico da Guarda, por toda a simpatia, camaradagem e apoio de sempre.

Outros nomes dever-se-ia indicar nestas breves linhas e que foram de extrema importância na minha formação académica e pessoal. Infelizmente a exiguidade deste espaço não permite referir todas as pessoas que me auxiliaram desde sempre e para quem deixo o meu reconhecimento e gratidão.

Dedicatória

Dedico este trabalho académico aos meus Pais,
ao Henrique e à Susana, sem esquecer todas as pessoas que me guiaram.

Principais Siglas e Abreviaturas Utilizadas

- art. cit. — artigo citado;
- cap. — capítulo;
- cartul. — cartulário;
- cf. — confrontar;
- cod. — código;
- cx. — caixa;
- doc. — documento;
- ed. — edição;
- et al.* — e alguns;
- f.º — fólio;
- f.ºs — fólios;
- fl. — fascículo;
- ft. — folhetim;
- fts. — folhetins;
- ibid.* — *ibidem*;
- id.* — *idem*;
- l. — linha;
- liv. — livro;
- ls. — linhas;
- m. — maço;
- ms. — manuscrito;
- n.º — número;
- n.ºs — números;
- n. — nota;
- ob. cit. — obra citada;
- p. — página;
- pp. — páginas;
- ref.^a — referência ou referenciado;
- s. d. — sem data identificada;
- s. l. — sem local de edição identificado;
- s. n. — sem nome de editor identificado;
- segs. — seguintes;
- tít. — título;
- t. — tomo;
- v. — *vide*;
- vol. — volume;
- vols. — volumes.

Intróito

O *Mercúrio Português*: mais um instrumento da Grande Estratégia de Portugal na Restauração

Com a evolução do pensamento estratégico e das crescentes dimensões da estratégia é actualmente reconhecido que não há *Grandes Estratégias*, credíveis e sustentadas, da paz ou da guerra, se não englobarem a dimensão do apoio das opiniões públicas e da sustentação do moral e da motivação daqueles que as executam, com especial relevância para os militares que têm de manter a sua prontidão ou combater, se necessário. O crescente recurso a sondagens da opinião pública e os frequentes relatórios de comando sobre o moral das tropas empenhadas em combate demonstram essa realidade.

Na Europa, que nascia no século XVII para a modernidade e que foi devastada pelo grande conflito conhecido pela *Guerra dos Trinta Anos*, o «dar a conhecer», mais do que o «dever de informar», tornou-se preocupação de dirigentes e de grandes *estadistas* que nasciam para a História, como o cardeal Richelieu, em França, o conde-duque de Olivares, em Espanha, ou Axel Oxenstierna, na Suécia. Ou, um pouco mais tarde, em Portugal, com António de Sousa de Macedo ou Luís de Vasconcelos e Souza, o 3.º conde de Castelo Melhor.

Nascia o jornalismo na Europa, e também em Portugal, em virtude da confluência de três factores diferentes: o progresso da tipografia, a melhoria das comunicações postais e o interesse do público pela notícia. Em França, Richelieu funda a *Gazette* e em Portugal, durante a dualidade das coroas com os reis Filipes, começam a aparecer folhas volantes impressas, as *Relações de Novas Geraís*, ou apenas *Relações ou Notícias Avulsas*.



No segundo quartel do século XVII multiplicam-se as folhas volantes, muitas das quais, pretendendo levantar a opinião pública contra o domínio espanhol, eram passadas clandestinamente debaixo da capa. Filipe II impôs-lhe severas regras de censura e limitações de circulação. Uma dessas Relações,

mensagens contidas, que vão desde o empenho na causa da Restauração até ao tributo ao soldado português, esse «elemento anónimo que foi o suporte cimeiro da portugalidade».

Estamos perante uma obra que muito vem contribuir para uns tons de sombra que ainda existem naquele período da História de Portugal e que pela mestria com que são tratados os ilumina e torna mais claros para quem queira continuar o trabalho da História que nunca acaba.

G. DO ESPÍRITO SANTO
General do Exército



Apresentação

O Brasil no *Mercurio Portuguez* de António de Sousa de Macedo

O exame de um periódico publicado há muito tempo sempre revela informações importantes que expõem aspectos do passado que normalmente não mais interessam aos nossos contemporâneos. De tanto insistirmos na ideia de que o Brasil fornecia produtos agrícolas ou os frutos do extractivismo a Portugal, garantindo boa parte de sua riqueza e de seu conforto, acabamos por acreditar que a América Portuguesa foi efectivamente o espaço do domínio português em que os senhores de escravos, portugueses, exploravam o trabalho compulsório de africanos e de índios para assegurar sua comodidade, e apenas isso. O mais, liga-se geralmente ao esforço da independência em finais do século XVIII e no início do século XIX.

Contudo, a leitura do *Mercurio Portuguez* nos mostra coisa bastante mais complexa. Em primeiro lugar, é claro, as inúmeras referências ao comércio e à chegada ao porto de Lisboa das frotas do Brasil, poderiam ajudar na consolidação dessa imagem tradicional sobre a importância dos domínios americanos para a economia lusitana do século XVII. Afinal, a empolgação que António de Sousa de Macedo demonstra quando noticia a entrada dos navios do Brasil não deixa dúvidas quanto às esperanças animadas com o açúcar, o tabaco e demais produtos. É claro «o dinheiro é o nervo da guerra» e o desembarque dos produtos do Brasil assegurava recursos para a coroa, para os comerciantes e para os banqueiros e garantia as alianças políticas e militares do tempo.



Porém, aquilo que mais chama a atenção no número de Outubro de 1665 é a chegada do Galeão *Padre Eterno* a Lisboa, capitaneando uma frota de quarenta navios. Essa embarcação fora construída no Rio de Janeiro por ordem de Salvador Correa de Sá y Benevides, governador da capitania por vezes. Em 1659, este importante homem dos domínios ultramarinos Portugal começou os trabalhos para a construção do navio. O local esco-

lhido para a obra foi uma ponta da grande ilha que fica no interior da Baía de Guanabara, em terras de seu avô, Salvador de Sá. Entre esforços para reunir os melhores carpinteiros activos no Brasil, seleccionar as madeiras, cortar, secar, etc., o governador prosseguia com seus trabalhos atlânticos até o golpe que pôs fim à regência de D. Luísa de Gusmão, em 1662. Neste momento, com a ascensão de António de Sousa de Macedo e do conde de Castelo Melhor, Salvador também foi alçado a funções importantes do governo.

No *Novo Mundo*, o barco, cuja construção já estava avançada, fez-se ao mar na baía da Guanabara no dia 3 de Janeiro de 1663, com a ajuda de marinheiros disponíveis naquele porto. Edward Barlow, um inglês, homem do mar, que estava a bordo do navio *Queen Catherine*, fundeado na baía, e que deixou um importante diário de suas viagens pelo mundo, descreve o lançamento ao mar do *Padre Eterno* nos seguintes termos: «And there being a-building a great ship for the King of 'Portangalle', which was then ready to launch, having been above three years a-building, the Governor desired of our commander for to help then with our men and what else we could for the launching of her, which was to be done on their Christmas Day, which they keep ten days before ours. But that day she could not be launched, nor in seven more, but on our Christmas Eve, betimes in the morning, we lauched her off into the water, she being a very large and good ship.»¹

O barco realmente deveria ser bastante grande, a contar com este testemunho e de outros mais que o tempo preservou. Contudo, há que se perguntar acerca dos meios de que se dispunha no Brasil para a fabricação de um galeão tão grande no Rio de Janeiro. Ora, sabe-se há muito, e não é necessário consultas compulsivas a arquivos para saber, que todo porto comercial dispõe de uma estrutura mínima de reparo nas embarcações que perfazem viagens muito longas. No tempo do *Padre Eterno*, as embarcações carregavam a bordo um pequeno grupo de homens mais ou menos especializados em carpintaria. Também nos portos de grosso comércio havia carpinteiros capacitados a desfazer os danos que o tracjeto impusera aos navios. Para além disso, os produtos manufacturados exportados pelos engenhos do Brasil também demandavam algum maquinário e homens capacitados a fazê-lo e a repará-lo. O branco açúcar fazia-se com o auxílio de máquinas de madeira, e estas pelas mãos dos



¹ Basil Lubbock, *Barlow's Journal*, Londres, Hurst & Blackett, 1934, vol. 1, pp. 84-85.

vencedor da primeira grande batalha em território inimigo, Montijo, pelo que tornou-se conde de Alegrete pouco antes de sua morte.

Mas, se a guerra tomou Portugal por inteiro nestes quase trinta anos, nem só os conflitos bélicos do reino ocuparam os do Brasil nos campos de batalha ou na fábrica de embarcações. Também na política da Restauração a gente do Brasil se empenhou com a solidez de quem disputa suas opções de governo. Em primeiro lugar, Diogo Gomes Carneiro, brasiliense natural do Rio de Janeiro, como ele mesmo se apresenta na página de título de sua obra sobre os primeiros meses de governo de D. João IV. Ali, o cronista do Brasil defende suas alternativas para a política do reino, alinhando-se aos que apoiaram o golpe de primeiro de Dezembro e combatendo aqueles que conspiravam contra a liberdade do reino ³.

Também muito activos na política restaurada estavam os padres da Companhia de Jesus, especialmente os do Brasil, com António Vieira à frente. Mas nem só com ele agiam esses jesuítas. Em 21 de Agosto, o padre António de Sá da Província Jesuíta do Brasil pregou o sermão de aniversário de D. Afonso VI na Capela Real, diante de Sua Majestade, presentes também o Escrivão da Puridade, o Secretário de Estado e autor do *Mercurio*, nobres e demais personagens do governo. Neste sermão, o padre natural do Rio de Janeiro critica veementemente o governo de Portugal, a acção do valido (Castelo Melhor, Escrivão da Puridade) e os caminhos adotados na condução do reino. António de Sousa de Macedo registou o seu desagrado para com o padre nos seguintes termos: «E festejando-se na Corte aos 21 deste mês os anos de S. Majestade, e pregando na Capela Real o padre António de Sá da Companhia de Jesus, e parecendo que em algumas palavras picava no governo, como alguns pregadores costumam, se disse que seus superiores o queriam mandar da Corte, ao que acudiu o Conde de Castelo Melhor, pedindo-lhes com toda a instância o não mudassem, e para maior segurança de que o não fizessem, lho encomendou S. Majestade por um decreto firmado de sua mão, afirmando que gostaria muito de o ouvir, e que queria que os pregadores falassem com toda a liberdade, porém Mercúrio, que é Deus da facúndia, lhes aconselha (se lhe é lícito) que usem dela nos termos devidos a tão grave lugar,



³ Diogo Gomes Carneiro, *Oração Apodixica aos Scismaticos da Pátria*, Lisboa, Lourenço de Anvers, 1641. A obra foi publicada em Setembro de 1641, embora sua primeira licença seja datada de Março do mesmo ano.

carpinteiros. São exactamente estes homens que o Governador do Rio de Janeiro buscou para a fábrica do seu grande galeão.

Os esforços de Salvador Correa de Sá y Benevides se estenderam por outras capitanias do Brasil e envolveram também o Governador Geral do Brasil naquele tempo: Francisco Barreto. Em uma bela carta, escrita ainda durante a construção da embarcação, ele anima seu parceiro do Rio com os seguintes dizeres: «Mas todo esse empenho há mister um salvador do mundo, e que no mundo há de ser a maior maravilha que o mar viu.»²

De facto, e também disso nos assegura o *Mercurio Portuguez*, havia já muitas décadas em 1660 que no Brasil se faziam embarcações para o trânsito ultramarino. Em Salvador e no Rio de Janeiro, os carpinteiros dos portos trabalhavam na construção de navios ligeiros, destinados à cabotagem, e a navios maiores destinados ao comércio africano e lisboeta. No entusiasmo dos sucessos relatados no seu periódico, António de Sousa de Macedo sugere a montagem de uma «fábrica» de fragatas na Guanabara. Referia-se o Secretário de Estado àquilo a que chamamos modernamente de «estaleiro».

Contudo, a leitura atenta dos dois periódicos da Restauração, o *Mercurio* e a *Gazeta*, mas também dos demais noticiosos e das relações de guerra nos permite concluir que a gente do Brasil colaborou no esforço restaurador com bem mais do que a fabricação de navios, o que já não seria pouco dada a complexidade da coisa.

Nos primeiros anos do conflito, o recrutamento e o engajamento de «soldados velhos do Brasil» era valorizado pois envolvia aqueles homens experientes das guerras holandesas travadas em Salvador e no Recife alguns anos antes. Porém, não apenas soldados da tropa experientes do Brasil formavam nos terços da guerra contra Castela; também capitães e chefes militares de grande importância. Em primeiro lugar e pelos demais, Matias de Albuquerque, o famoso general dos primeiros anos do conflito.

Natural de Pernambuco, ele chefiou as tropas lusas, ou luso-brasileiras, nos seus enfrentamentos com os soldados da holandesa Companhia das Índias nos anos que seguiram à invasão. A Restauração colheu-o preso em Lisboa e o lançou directamente ao Alentejo, responsável pela fortificação das cidades e aldeias da fronteira. Mais que isso, foi Matias de Albuquerque proclamado



² Carta de Francisco Barreto a Salvador Correa de Sá y Benevides. *Documentos Históricos*, V, p. 140.

sem se fiarem desta permissão, porque nem sempre as horas são umas, e sempre é bom ir sobre o seguro.»⁴

O jesuíta acabou mesmo exilado da Corte em Coimbra. Seu sermão sobre o aniversário de D. Afonso VI foi publicado por seus confrades dois anos depois⁵. O religioso voltou ao Brasil e acabou morrendo no interior da Bahia pouco tempo depois.

Com isso, a leitura do *Mercúrio* nos descortina aspectos inesperados da acção da gente do Brasil no maior conflito de Portugal no século XVII. Outros mais há, contudo, descobrir sua permanência nem sempre é coisa fácil. Por exemplo, todo viajante que desembarca no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro chega em um lugar baptizado há décadas de «Aeroporto do Galeão». Os lusófonos percebem a estranheza de chamar assim um terminal aéreo. Afinal, uma terra que celebra Santos Dumont como um dos mais importantes pioneiros da aviação não deveria nomear de «galeão» — uma antiga embarcação de guerra — exactamente o terminal da aviação internacional da cidade. Soa algo como chamarmos uma auto-estrada de «rodovia das charretes», ou nomearmos um grande terminal naval de «Porto das Canoas». No entanto, o aeroporto é assim designado insistentemente pela cidade, malgrado os esforços do prefeito em baptizá-lo com o nome de um importante músico natural da cidade. O facto deve-se ao toponímico adoptado bem antes da construção do aeroporto, na verdade, bem antes da invenção do avião. O lugar escolhido para o terminal aéreo era uma ponta no extremo sul da Ilha do Governador chamada exactamente de «Praia do Galeão» ou «Ponta do Galeão». Neste lugar da cidade, há cerca de 350 anos, foi fabricado o Galeão *Padre Eterno*, a embarcação de guerra a que nos referimos mais acima.

É certo que, ao profissional da História, os principais documentos destas acções não são estranhos, mas a sua apresentação num periódico daquele tempo oferece inúmeras facilidades a serem aproveitadas.

CARLOS ZILLER CAMENIETZKI⁶



⁴ *Mercurio Portuguez*, Agosto de 1663.

⁵ António de Sá, *Sermão que pregou o P. António de Sá da Companhia de Jesus no em que S. Magestade faz anos em 21 de agosto de 663*, Coimbra, Thomé Carvalho, 1665.

⁶ Departamento de História, UFRJ.

